
“O DESMORONAR DO VELHO CASTELO”: O JORNAL A LUCTA SOCIAL E A ADESÃO A REBELIÃO TENENTISTA DE 1924 EM MANAUS

"THE OLD CASTLE FALL APART": NEWSPAPER THE LUCTA SOCIAL AND MEMBERSHIP OF THE LIEUTENANTS REBELLION 1924 IN MANAUS

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2016.1.22741>

Luciano Everton Costa Teles
Doutorando em História, UFRGS
E-mail: lucianoeverton777@hotmail.com

RESUMO: o propósito do texto em tela consiste em compreender, mediante um jornal de cunho anarco-sindicalista denominado A Lucta Social, o processo de adesão dos personagens que estavam por trás da referida folha operária ao movimento tenentista que eclodiu no Amazonas, sobretudo na capital Manaus, no ano de 1924. Para isso, intentou-se num primeiro momento contextualizar e caracterizar a referida folha operária, para em seguida, inseri-la nos meandros políticos, revelando seus personagens e o contexto econômico-político que culminou nesse processo de aproximação com os tenentes em Manaus e a emergência de um sentimento de revolução proletária e justiça político.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal *A Lucta Social*, Rebelião Tenentista, Manaus.

ABSTRACT: the screen in text purpose is to understand at an anarcho-syndicalist nature newspaper called The Social Lucta, the accession process of the characters who were behind the said working sheet to the lieutenants' movement that erupted in the Amazon, especially in the capital Manaus, in the year 1924. to do so, brought up at first contextualize and characterize the working sheet referred to then insert it in the political intricacies, revealing their characters and the economic and political context which culminated this process of rapprochement with the lieutenants in Manaus and the emergence of a sense of proletarian revolution and political justice.

KEYWORDS: Journal *A Lucta Social*, Lieutenants Rebellion, Manaus.

Considerações iniciais

O Amazonas na virada do século XIX para o século XX aumentou significativamente a exportação do látex, sobretudo destinado às indústrias situadas na Inglaterra e Estados Unidos (SANTOS, 1980). Esse volume maior exportado resultou na ampliação da arrecadação do Estado, dotando-o de condições financeiras para que, juntamente com seringalistas e grandes comerciantes, especialmente os donos de casas aviadoras¹, a

¹ As casas aviadoras possuíam uma posição central na cadeia comercial do Amazonas. Eram elas que tinham a função de financiar e comercializar a borracha, decidindo inclusive quando e a quem vender esse produto extrativo. Assumiam múltiplas funções: negociavam com as casas importadoras, as mercadorias que seriam

urbanização da capital, Manaus, fosse realizada, modificando-a para facilitar a circulação de pessoas e mercadorias (WEINSTEIN, 1993; DIAS, 1999).

Assim, a urbanização que se buscava empreender não considerava a vivência dos setores populares que, não sendo passivos, imprimiram resistências à exclusão social que se delineava (COSTA, 1997). A relação conflituosa, que passou a ser mais frequente a partir daí, foi resultado do avanço do capital no Amazonas. Esse avanço pode ser observado não somente na “modernização” pela qual Manaus passou, mas especialmente na ampliação do mercado de trabalho, na imigração/migração e, acima de tudo, nos conflitos que emergiram da relação intensificada do capital/trabalho (TELES, 2014).

Indiscutivelmente, em que pese às contradições em jogo, a inserção do Amazonas ao mercado mundial articulou interligou o extremo norte a outras regiões do país e do globo, permitindo a circulação de mão de obra especializada, recursos financeiros e matérias-primas variadas (PINHEIRO, 2001). Um resultado disso foi o aumento do nível demográfico. Deste modo, com relação à emergência de periódicos na região as condições necessárias estavam dadas: recursos financeiros, mão de obra especializada (tipógrafos) e matéria-prima (papel, em especial).

Com efeito, pelos quatro cantos da cidade circularam pasquins, jornais diários (grande imprensa), estudantis, operários, dentre outros. Desse universo, recortou-se da imprensa operária um jornal chamado *A Lucta Social*. Através dele, no interior de um contexto específico de crise econômica e política que culminou com a rebelião tenentista no ano de 1924 em Manaus, procurou-se compreender as condições que levaram os personagens que sustentavam *A Lucta Social* a aderirem ao movimento dos tenentes e a esboçarem uma possibilidade de revolução, protagonizada pelos trabalhadores, além de propostas de justicamentos.

O jornal *A Lucta Social* em dois momentos: 1914 e 1924

O jornal *A Lucta Social* emergiu em 1914 e tinha em Tércio Miranda seu principal sustentáculo. Este personagem era português. Na cidade do Porto, ainda em seu país de

repassadas para o negociante do vilarejo, ao regatão, ao seringalista e, por fim, ao seringueiro; providenciavam o transporte e a distribuição dos retirantes que se deslocavam do nordeste, fugindo dos problemas gerados pela seca, em busca de trabalho no Amazonas (na cidade e nos seringais); atuavam como representante legal e financeiro de seus clientes mais ricos que residiam no interior e realizavam a abertura de novos seringais. Muitos comerciantes de destaque, como J.G. Araújo, por exemplo, possuíam casas aviadoras e seringais (WEINSTEIN, 1993, p. 33-34).

origem, envolveu-se com o Anarquismo. Participou do Grupo Aurora Social e liderou a Liga D'Educação Nova, em 1912.²

Por conta de problemas políticos que emergiram no processo de implantação da República em Portugal a partir do ano de 1910, sobretudo quando esta foi assumindo uma forma estritamente burguesa – protelando a participação e os projetos sócio-políticos dos trabalhadores, especialmente os mais radicais –, o projeto anarquista, que buscava com sua ação romper com os limites impostos por um regime representativo e excludente, viu-se numa situação complicada.

Nesse sentido, esse movimento se intensificou gerando respostas dos governantes republicanos que acabaram “manifestando a sua profunda hostilidade ao movimento autônomo dos trabalhadores”. Assim, em 1912, com apoio dos militares e ancorados no militarismo, os governantes realizaram uma verdadeira “caça as bruxas”, proibindo a propaganda libertária, perseguindo e prendendo seus líderes (PEREIRA, 2009, p. 203).

Foi nesse clima político que Tércio Miranda saiu de Portugal em direção ao Brasil, e particularmente ao Amazonas por volta de 1913. Em terras tropicais, com sua vivência e experiência de liderança³ – esta entendida como aqueles militantes que atuaram de forma substancial nas organizações, fundando, orientando e participando também dos quadros da diretoria, e na imprensa operária, produzindo, sustentando e fazendo circular os jornais direcionados aos trabalhadores por onde buscavam difundir suas interpretações sociais e seus projetos de participação política –, passou a atuar na propaganda e organização dos trabalhadores, tornando-se membro da Confederação Operária Brasileira (C.O.B.) e seu delegado especial para o norte do país. No norte, fundou o Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Amazonas (S.T.G.) e um jornal ligado a esse Sindicato, *A Lucta Social* (PINHEIRO, 2003).

Outras lideranças apareceram ao lado de Tércio Miranda, ora no jornal, ora no Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Amazonas. Um deles era Joaquim Aspilicueta. Era espanhol e, assim como Tércio Miranda, deslocou-se para a região onde desenvolveu uma participação ativa e significativa junto aos operários. Não era anarquista, pelo contrário,

² Inclusive dando o endereço da Liga (Rua das Fontainhas, n. 9. Porta do Sol), o que é uma evidência forte da presença de Tércio Miranda justamente na região norte onde o anarquismo avançou (PEREIRA, 2009, p. 200).

³ Para Batalha, a militância operária nunca foi homogênea, ela está dividida em uma série de correntes políticas e sindicais, assim como assume diferentes comprometimentos. Para evidenciar essa heterogeneidade, e ciente que as tipologias podem criar mais problemas que soluções, o autor distinguiu três tipos de militantes. Além das lideranças, os quadros intermediários (grupo maior que participa ativamente da vida da categoria, integra direções de associações, assina manifestos, porém pouco escreve sobre suas práticas e muito menos produz teorias) e os militantes de base (os mais numerosos, os que exercem uma militância eventual, em especial em momentos de ascensão dos movimentos) (BATALHA, 1997, p. 93).

alinhava-se ao socialismo reformista.⁴ Não obstante, mais do que uma atuação assentada numa perspectiva político-ideológica, buscou uma articulação com outros setores da sociedade visando gerar debates, promover conquistas e assegurar direitos aos operários em geral, e aos gráficos em particular.⁵

Realizou diversas atividades em espaços diferenciados, além de escrever artigos para jornais operários, como *A Lucta Social* (1914), *O Primeiro de Maio* (1928) e *Vida Operária* (1920), mas também para o jornal Union, ligado a colônia espanhola no Amazonas. Procurou manter contatos com outros países, a exemplo de Carlos Raymundo de Castro, representante da República do Peru (CORREIO DO NORTE. Manaus, ano I, n. 138, 1/7/1906).

Antônio Dias Martins participou da diretoria do S.T.G. no Amazonas. Pouca coisa se achou acerca dele. Soube-se que ele era 2º escriturário da Alfândega e que foi transferido para trabalhar na Alfândega do Ceará em 1909 (CORREIO DO NORTE. Manaus, ano I, n. 281, 13/11/1909) e que por lá ficou até 1912 (CORREIO DO NORTE. Manaus, ano VI, n. 926, 27/2/1912). Porém, deve ter retornado a Manaus entre 1913/14, pois atuou junto com Tércio no Sindicato fundado por eles. Sobre os outros membros da diretoria do Sindicato, descobriu-se que Ananias Linhares da Silva era artista gráfico (CORREIO DO NORTE. Manaus, ano I, n. 494, 20/7/1910). Sobre Domingo Batista Guedes nada foi encontrado.

Eram essas as lideranças por trás do jornal *A Lucta Social* na sua primeira fase, em 1914. Nesta, o sindicalismo revolucionário era predominante, presente e difundido nas suas páginas. Entende-se o sindicalismo revolucionário de Tércio Miranda e seu grupo na esteira de Oliveira (2009, p. 26-27), ou seja, como um método de ação visando propagar no meio operário os ideais anarquistas.

Quando surgiu, o jornal *A Lucta Social* assim se apresentou ao público amazonense:

Não somos eruditos nem Herodotos; não frequentamos Universidades ou Academias para adquirir um papel pelo qual se nos auctorizasse a viver sem trabalhar. Não. Os nossos paes não eram burguezes nem mandões, por isso quem pensar encontrar nestas columnas linitivo ao espírito ocioso que produz o rizo do burguez, engana-se. A nossa escola é outra: Somos operários e a nossa illustração quer intellectual, quer material é a menos imperfeita de todas porque é colhida no templo onde as imagens são: martellos, arados, serrotes, plainas, cutellos, enxadas, machados, e, emfim,

⁴ No interior da categoria dos gráficos (e no interior dessa, os tipógrafos) existiam anarquistas, socialistas e colaboracionistas. Portanto, o universo era heterogêneo. Porém, no jornal *A Lucta Social*, predominava o anarquismo.

⁵ Aproximou-se dos anarquistas, como se buscou mostrar, mas também de personalidades políticas (Dr. Araújo Lima, Prefeito em 1928) e de lideranças explicitamente reformistas, como João Cursino da Gama, do Sindicato dos Cigarreiros. Ver *O PRIMEIRO DE MAIO*. Manaus, 1/5/1928 (número especial).

outros santos mais de que se compõe nossa igreja cujo fim único é a propagação do trabalho, porque sem este era impossível a vida.
Repetimos: a nossa universidade é a forja, o atelier, a húmida mansarda...
(SOMOS OPERÁRIOS. *A Lucta Social*, n. 1. Manaus, 29/03/1914).

Tércio Miranda, como editor do jornal, buscou apresentar o campo operário a partir de dois elementos: trabalho e exclusão. Assim, procurou demarcar o universo operário como aquele cuja vivência e experiência brotavam do espaço de trabalho – “atelier” – e do uso de seus instrumentos – “martelo”, “serrote”, “arado” –, diferenciando-os do mundo dos burgueses, percebidos como “ociosos” e mandões”. Além disso, o elemento da exclusão foi mencionado através da educação, do não acesso a universidade, entre outros.

Nesta esteira, denominando-se como “Orgam Operario-Livre” orientava os trabalhadores a ler o jornal e a compartilhá-lo com os camaradas, além de alertar acerca do interesse em estudar as questões sociais necessárias para a interpretação social e a futura emancipação.

Tércio Miranda, ao fundar o jornal, estava seguindo aquilo que foi deliberado na C.O.B. em 1913.⁶ Utilizando-o como um instrumento de difusão dos ideais libertários, procurou debater as questões que assolavam os trabalhadores, como as muitas horas de trabalho, atraso nos pagamentos, carestia de vida e outros. Colocou-o como espaço de discussão da situação dos operários no interior da sociedade contemporânea, realizando análises e interpretações acerca da divisão social do trabalho, do governo representativo burguês, do salário, da forma de organização e das ações a serem adotadas no processo de luta contra o capitalismo e para a emancipação humana.

Não hesitou em transcrever artigos de nomes de personagens conhecidos como Piotr Kropotkine, José Prat, Emile Pouget, Clemencia Jacquinet, Elisée Reclus e outros, conforme quadro abaixo:

⁶ O 2º Congresso Operário Brasileiro (C.O.B.) foi realizado em 1913 e tinha como foco central a organização dos operários em diversas regiões do país e a fundação de jornais operários para propagandear os ideais libertários e contribuir para o processo de organização, conscientização e luta nos marcos do anarquismo, perspectiva dominante neste Congresso (MATEUS, 2012, p. 70-73; MARQUES, 2013, p. 50-52).

Quadro 1: Autores e matérias transcritas

Autores	Procedência	Título da matéria	Data da publicação no A <i>Lucta Social</i>
José Prat	Conferência no Centro da Juventude Republicana de Lérida - Espanha	A Aurora Proletária	Ano I, n. 1, 29/03/1914
Piotr Kropotkine	---	O Salariação	Ano I, n. 1, 29/03/1914
Emile Pouget	---	Os Sindicatos Operários	Ano I, n. 2, 1/05/1914
Montesquieu	Espírito das Leis	---	Ano I, n. 3, 1/06/1914
Salvaterra Júnior	---	Ferrer... História Simples	Ano I, n. 3, 1/06/1914
Emile Pouget	---	A Greve	Ano I, n. 3, 1/06/1914
Clemencia Jacquinet	História Universal	A Ideia da Pátria	Ano I, n. 4, 1/09/1914
Elisée Reclus	---	O Ideal Futuro	Ano I, n. 6, 1/11/1914

Fonte: *A Lucta Social* – quadro construído pelo próprio autor.

Utilizando a “palavra como arma” (SCHMIDT, 2000) não poupou esforços em criticar o sistema capitalista de produção, desnudando a exploração que trazia em seu bojo e sugerindo um processo de luta onde os protagonistas da nova situação social – um mundo justo, humano e igualitário – fossem os próprios trabalhadores.

Enfim, o jornal desapareceu de circulação não se sabe quando e nem os motivos, que poderiam ser políticos (perseguições, empastelamentos, etc.) e/ou econômicos (ausência de recursos para manutenção da folha). Porém, ao observar a data do último jornal que foi preservado, 1º de novembro de 1914, é possível pensar num espaço de tempo de dez anos para que o jornal ressurgisse novamente, agora em 1924, sua segunda fase.

Imagem 1: Jornal *A Lucta Social* 1ª fase (n.1 / 1914) e 2ª fase (n.7 / 1924)



Fonte: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (LHIA)

Na segunda fase, em seu sétimo número (único preservado), o responsável não era mais Tércio Miranda, que certamente não se encontrava em Manaus, e sim J. Nicoláo Pimentel. Não obstante, este manteve no jornal o nome daquele como o fundador, mantendo assim uma memória e um caminho de atuação política. Ao lado de Pimentel atuou também Gervásio Leal. Deles nada foi encontrado infelizmente.

Com efeito, *A Lucta Social* deu continuidade no processo de denúncias, organização, etc. Entretanto, um episódio sacudiu o Amazonas e o grupo em torno do jornal no ano de 1924: a rebelião tenentista em Manaus. A rebelião eclodiu por conta da conjugação de três fatores: crise econômica, política e o movimento dos tenentes no âmbito nacional.

A década de 1920 no Amazonas

Para entender a aproximação de um grupo com uma trajetória assentada no sindicalismo revolucionário junto aos tenentes, faz-se necessário recuperar o contexto político e econômico da década de 1920.

No campo econômico, o apogeu da exportação da borracha ocorreu entre 1890 e 1913, período no qual houve a intensificação das intervenções urbanas modernizadoras na capital.

Após esse intervalo de tempo, o que se viu foi, nas palavras de Weinstein (1994), uma “longa decadência”⁷ decorrente da gradativa marginalização da borracha nativa no mercado mundial por força da penetração da borracha cultivada no continente asiático. Esse processo de marginalização se materializou em falências, desempregos, carestia de vida e toda uma gama de problemas políticos e sociais que ganharam as páginas da imprensa como um todo.

No campo político, o momento inicial da consolidação do regime republicano viu surgir em todo o país, mas também no Amazonas, crises políticas oriundas das disputas entre deodoristas e florianistas (SILVA, 1975) – nesse momento, regionalmente, as disputas se consubstanciaram nos grupos em torno dos nomes de Thaumaturgo de Azevedo (deodorista) e Eduardo Ribeiro (florianista). Após o surgimento da “política dos governadores”, houve uma relativa estabilidade com a emergência dos Nery, grupo político comandado por Silvério Nery que atuou de forma hegemônica entre os anos de 1900 a 1908 (LOUREIRO, 1978, p. 248-250). Entre os anos de 1908 e 1912, Bittencourt, que havia sido apoiado pelos Nery, rompeu com esse grupo.

O resultado disso foi um conflito político que apareceu na convenção partidária do PRF (Partido Republicano Federal) em 1910. O objetivo de Bittencourt era retirar Silvério Nery da chefia. Em resposta, Nery solicitou apoio de Pinheiro Machado⁸ que enviou para Manaus um oficial do exército para assumir o comando das forças federais no Amazonas. Com este apoio, Nery se movimentou buscando retirar à força Bittencourt do governo, o que resultou num bombardeio à cidade de Manaus em 8 de outubro de 1910 (BURNS, 1966, p. 32).

Silvério Nery não conseguiu o que queria, mas viu surgir da cisão um grupo político, que após o bombardeio da cidade ganhou apoio dos comerciantes e setores médios, liderado por Bittencourt. Cabe destacar que essas disputas políticas se agravaram, em especial no período da chamada “longa decadência” da borracha, dando origem a novos grupos dissidentes. Um ligado a Jonathas Pedrosa e outro a Guerreiro Antony. Portanto, os anos vinte no Amazonas terão no mínimo cinco grupos políticos (Nery, Bittencourt, Antony, Bacelar e Pedrosa) disputando o controle do Estado (SANTOS, 2001; FIGUEIRA, 2011).

⁷ Termo usado por Weinstein para designar um período que se iniciou por volta do princípio da década de 1910 e se prolongou até o final da década seguinte, consolidando a crise da borracha (1993, p. 241).

⁸ Senador pelo Partido Republicano Rio-Grandense desde a década final do século XIX, Pinheiro Machado foi uma figura importante no cenário nacional e gaúcho. No decorrer da Primeira República Brasileira foi um personagem proeminente no partido e na própria República, ocupando espaços políticos que deram poder de influência em decisões de projetos no Congresso, em indicação de candidatos à presidência do Brasil e na composição de Ministérios (DUARTE, 2007, p. 35-38).

As eleições de 14 de julho de 1920, ao governo do Estado, revelaram essas disputas. Eram três candidatos: Rego Monteiro (Bacelar), Wortingen Ferreira (Nery) e Thaumaturgo de Azevedo (Antony). O resultado das eleições foi contestado pelos três grupos.⁹ No final das contas, assumiu o posto de governador do Estado do Amazonas, para o período de 1920 a 1924, Rego Monteiro.

Na gestão Rego Monteiro, intensificaram-se as críticas às práticas políticas oligárquicas. Privilégios à família Rego Monteiro e seus agregados, corrupção, máquina pública utilizada para fins particulares somados à crise econômica e financeira enfrentada pelo Estado, que contribuía para aumentar as desigualdades sociais, aumentando o desemprego, a miséria e a fome, foram alvos de ferrenhos questionamentos. Para se ter uma ideia, o funcionalismo público viu frequentemente atrasar seus vencimentos, chegando mesmo acumular meses de atraso.

Esse quadro criou nos setores populares, e no operariado em geral, uma ampla insatisfação que se tornou combustível para a materialização de denúncias (desemprego, carestia de vida e fome, mas também a imoralidade existente no regime republicano, as desigualdades sociais intensificadas, etc.) e protestos. Os jornais operários desse momento estão cheios de artigos que revelam isso. Como exemplo, pode-se salientar um artigo desses sobre a carestia de vida:

É tenebrosso, principalmente para os operários, fallar em carestia de vida, porque para dizer o que ela é vae ferir muita gente boa.

A alta dos preços na velha Europa é um facto, porém aqui no Brazil, é uma fonte de riqueza dos senhores commerciantes que famintos do ouro, e sedentos de ver os seus capitaes augmentarem de dia para dia, lançam mão de todas as especulações.

É verdade que em todas as praças houve alterações, devido a exportação, que até então era nenhuma, mas, o que não chegou a tanto, como os senhores apregoam.

Admitto mesmo que tudo custe o olho da cara, porém não admitto é a exploração que esses mesmos senhores são useiros e vaseiros.

Não admitto que esses senhores sedentos de ouro, amparados pela mentira convencionada, sustentados pela necessidade do povo, explore esse mesmo povo, sem dó nem piedade!

(...)

O anno atrasado elles se aproveitaram da miséria do povo, vendendo a caixa do Kerozene a 80\$000, quando as suas duas casas representantes desse líquido, vendiam a 27\$500.

No mesmo anno na quadra calamitosa da grippe, certo taverneiro da E. Epaminondas vendeu a lata de leite a 5\$000!

⁹ Essa foi a eleição mais disputada no Amazonas da Primeira República Brasileira, com acusações, fraudes, jogos de interesses, etc. Para conhecer esse momento da sucessão governamental estadual de 1920 ver (FIGUEIRA, 2011).

Durante uma semana o assucar oscilou de 800 a 3\$000.

Alguns comerciantes obtiam o leite a 300 reis, e venderam a 3\$000. para esses senhores, ainda não terminou a guerra, as mercadorias, cada dia sobe de cotação, nunca se fartam, sempre famintos!

A maior parte dos retalhistas, possuem dois ternos de pesos e medidas!

Entra anno, sahe anno, e cada vez tudo mais caro.

O povo além de comprar caro é ludibriado no peso e na medida.

(...)

O freguez, não tem dinheiro sufficiente para satisfazer todas as necessidades de sua casa, vae comprando de tudo um pouquinho, nesta mercadoria perde meio tostão, naquella outra, e no fim de suas compras perdeu 200 ou 300 reís.

E quem ganhou? O negociante (*VIDA OPERÁRIA*, nº 3. Manaus, 24/02/1920).

Portanto, havia no Amazonas, sobretudo em sua capital, um sentimento de insatisfação e revolta instalados. Os tenentes chegaram ao Amazonas justamente nesse contexto. Sabe-se que em 1922, no Rio de Janeiro, eclodiu em julho a revolta do Forte Militar de Copacabana. Esse acontecimento não obteve êxito, sendo sufocado pelas tropas oficiais da República. Ficou conhecido como os “dezoitos do forte” (CARONE, 1975; SODRÉ, 1985).

Os militares da baixa oficialidade que participaram da revolta ou criaram conflitos políticos que eram vistos como originários do tenentismo foram penalizados e deportados. Alguns desses foram deportados ainda no ano de 1922 para Manaus, entre eles o tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, Sebastião Mendes de Holanda e Magalhães Barata.

Esses militares, cuja ação política visava, dentre outras coisas, a moralização do regime republicano, diminuindo a corrupção e ampliando a participação política de setores médios urbanos e operários, encontraram apoio nos setores populares em Manaus¹⁰, que não só viram com simpatia a deposição do governador do Amazonas como, em alguns casos, especificamente das lideranças operárias que gravitavam em torno do jornal *A Lucta Social*, segunda fase, aderiram à rebelião em curso.

O ano de 1924: o desmoronar do castelo

Os jovens tenentes, espalhados por algumas regiões do Brasil, articularam-se para promover um novo movimento que diminuísse o poder das oligarquias regionais e encerrassem a participação, bem como as medidas e práticas políticas opressoras, do presidente Artur Bernardes.

¹⁰ Esse apoio e participação dos setores médios e operários não se deram somente em Manaus, mas também apareceram em Sergipe (MAYNARD, 2008), São Paulo (CASTRO, 2015), entre outros.

Esse movimento ocorreu em 1924 em São Paulo (5 de julho), em Manaus (23 de julho), no Rio Grande do Sul (29 de outubro), entre outras localidades (FORJAZ, 1997, p. 61). Na cidade de Manaus, o acontecimento do dia 23 de julho de 1924 foi assim narrado:

Uma força do 27º Batalhão descia a Avenida Eduardo Ribeiro, conduzindo a artilharia. Os soldados marchavam na melhor ordem, em forma, como se fossem realizar uma parada. Mas o carro de guerra que puxavam despertou a inquietação em toda a gente, que observava o desfilar da tropa. Dez minutos depois, ouvia-se o ruído da fuzelaria e alguns disparos de canhão, em rumo ao quartel da polícia.

Turiano Meira, que substituía Rego Monteiro, em viagem para a Europa, retira-se pelos fundos do Palácio Rio Negro, visto que este fora atacado de surpresa, pela frente. O 1º Tenente Alfredo Augusto Ribeiro Junior faz a ocupação efetiva do prédio que era a sede governamental.

No quartel de polícia, o coronel Pedro José de Souza, não desmentindo a sua lealdade de velho soldado, resiste ao ataque, até ser gravemente ferido. É ocupada também aquela posição. Estava a revolta triunfante (BITTENCOURT, 1924, p. 1).

O grupo do jornal *A Lucta Social* (1924) viu nesse movimento uma oportunidade de transformações sociais e aderiram a ele. No jornal é possível perceber isso:

Echoou em todos os corações proletários e de maneira vibrante o nosso protesto de adesão ao movimento libertário victorioso.

(...)

O operariado amazonense identificou-se com a revolução; abraçou a idéa (...) e nem podia deixar de ser assim.

Se existe nas circumscripções deste paiz colosso, uma nesga onde o operário solfra os revezes da indiferença dos poderes, certamente esta circumscripções é o Amazonas.

O operário aggreariado era considerado “indesejável”.

As associações de classe eram fechadas pela polícia e os seus dirigentes insultados por Mario Monteiro que além de ameaçal-os de extermínio, trancafilava-os no xadrez.

É justo, portanto, o jubilo de que está inundada a alma proletária (*A LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

As lideranças operárias que sustentavam esse jornal, que no decorrer do governo do grupo em torno de Rego Monteiro se sentiram constantemente ameaçadas pelas práticas de perseguições, empastelamentos e prisões direcionadas a elas, percebiam esse momento como fulcral para expurgar essa situação. Neste sentido, não só apoiaram como também aderiram ao movimento vitorioso dos tenentes no Amazonas que depôs o governador em exercício Turiano Meira, uma vez que Rego Monteiro estava em viagem pela Europa.

Além das perseguições e prisões, essas lideranças operárias criticavam de forma clara o governo:

Quem conhece o que era o governo Rego Monteiro, uma associação desbragadamente deshonesta, despudoradamente improba, onde se fazia do Thesouro Publico uma propriedade individual de doações escandalosas a parentes e empreiteiros do aniquilamento da honra administrativa do Estado (*A LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

Mas as críticas não se encerravam nesses pontos. O movimento operário no Amazonas marcou presença desde o início da implantação do regime republicano. Os jornais operários¹¹ que circularam no final do século XIX e início do século XX são testemunhos desse movimento. Pelas suas páginas uma variada gama de questões ligadas ao mundo do trabalho marcou presença e iam desde denúncias contra péssimas condições de trabalho, penalidades, multas e exploração do trabalho até mesmo aos questionamentos das desigualdades sociais promovidas pelo sistema capitalista vigente e o sistema político implantado na Primeira República Brasileira, com as fraudes, corrupções e “benesses” já conhecidas.

No entanto, nas páginas desses jornais, propostas de organização e de ação políticas, sejam socialistas, reformistas e/ou anarquistas evidenciam uma dinâmica de se buscar, de forma concreta, intervir na realidade social para a promoção de mudanças significativas no trabalho e na vida dos operários.

Certamente que, nesse processo de organização e lutas políticas por melhores condições de vida e trabalho, os operários foram alvos de toda sorte de opressão. Na gestão Rego Monteiro, esse processo de organização continuou e, nessa relação entre governo e movimento operário, a mão opressora do Estado, utilizando seu aparato jurídico e policial, pesou sobre os setores mais combativos do operariado local.

As prisões, perseguições e ameaças, como se mencionou anteriormente, intensificaram-se nesse momento inicial da década de 1920, o que é possível observar nas “falas” revoltadas direcionadas ao delegado de polícia da gestão Rego Monteiro:

Ahi está o Vicente (...) que acompanhado de cem praças, embaladas, empastellou as officinas do “Correio do Norte” e matou o nosso chorado

¹¹ *O Restaurador* (1890), *Gutenberg* (1891-1892), *Operário* (1892), *Tribuna do Caixeiro* (1908-1909), *Confederação do Trabalho* (1909), *O Marítimo* (1911), *Recordação* (1911), *Marinha Mercante* (1913), *A Lucta Social* (1914), *Folha Marítima* (1916), *O Constructor Civil* (1920), *O Extremo Norte* (1920), *Vida Operária* (1920), *O Primeiro de Maio* (1928).

Oswaldo Baptista; foi um delegado de polícia perverso esse homem que não tem noção alguma de civismo... (A *LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

A acusação ao delegado de polícia é clara: “matou o nosso chorado Oswaldo Baptista”. Com efeito, outras acusações nesse sentido foram realizadas e até mesmo direcionadas ao chefe de polícia (seria algo similar ao Secretário de Segurança Pública hoje) que era irmão de Rego Monteiro. Mário do Rego Monteiro foi acusado de ceifar a vida de Joaquim Thomé de Carvalho, um trabalhador (A *LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

Portanto, inseridos nesse contexto de “privatização” da coisa pública, privilégios e benesses para agregados familiares e políticos, exclusão e desigualdades sociais somados à perseguição política, ameaças e, podem-se dizer, assassinatos de trabalhadores vistos como “indesejáveis”, as lideranças ao redor do jornal *A Lucta Social* viram no movimento tenentista uma oportunidade efetiva de varrer essas coisas do Amazonas.

Da mesma forma, a expectativa que surgiu foi, na esteira desse movimento, criar um sentimento que dinamizasse a realização de uma revolução que abalasse as estruturas vigentes:

A voz dos seculos surge no seio da Historia e nos mostra que nestes momentos angustiosos, quando os oprimidos se desabafam, não devem discrepar os patriotas na santa cruzada da redempção.

Sejamos inplacáveis, porque a nossa vingança é a salvação do Brazil, é o exemplo que não morrerá, é a voz desta geração que passa a vibrar na eternidade santificadora da História.

Lembre-mo-nos que da vontade herculea do povo colligado, por um ideal tão nobre e elevado como seja o da realização de liberdade e o da verdade política, foi que surgiu a revolução victoriosa que salvou a França e proclamou a liberdade, a igualdade e a fraternidade no seio das nações (A *LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

Com efeito, a França era evocada, em especial com menções a “Pátria de Danton” (A *LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924), como exemplo a ser seguido. E não ficou somente na ideia de romper com a opressão em prol da liberdade, igualdade e fraternidade, a guilhotina foi ressaltada:

Lembre-mo-nos que o grande brado soltado por Jean-Saint André, no seio da Convenção dos francezes que subjugaram os opressores da Pátria de Danton, quando no julgamento de Luiz XVI, dizia: “- Não há povo livre sem tyrannos mortos”, pode nos servir de lemma neste momento de convulsões da nossa gente, que procura derribar os tyrannos, desmascarar os hypocritas, julgar os ladrões, punir os culpados! (A *LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

Para as lideranças operárias que eram responsáveis pela publicação do jornal *A Lucta Social*, o momento era peculiar e exigia ações drásticas. Em outras palavras, os algozes foram depostos pelas mãos dos tenentes e cabia agora adensar o movimento e puni-los. Mas como? Com a morte!

Além de justificar essa que seria uma ação radical encontrando exemplo na história, como no caso do uso da guilhotina pelos jacobinos, havia um sentimento de vingança do sangue dos companheiros trabalhadores que perderam a vida lutando por dias melhores, ou seja, de justicamento.

Em suas páginas o jornal é explícito com relação a isso:

E é por isso mesmo que a memória de Joaquim Thomé de Carvalho pede vingança. Pois ao que parece, dr. Mário, o narcótico teve sua influência no caso.

Queremos vingal-o! Queremos que em plena vigência de reivindicação proletária, seja justicado o criminoso, o perverso!

(...)

A alma de Thomé de Carvalho, reúne-se a uma grande quantidade de outras vítimas e clamam por vingança!

Ao ser iniciada a reivindicação, dr. ex-chefe de polícia, sentiste os efeitos macabros do remorso.

Recceio, por isso, que V. Exc. fuja espavorido e não espere a hora em que o espectro do cobarde, na sua frieza generosa, aperte-lhe o pescoço roliço, justificando-o... (*A LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

Mário do Rego Monteiro era o chefe de polícia, que havia sido expulso do posto após o movimento vitorioso dos tenentes. Ele foi acusado pelo jornal *A Lucta Social* de ter matado Joaquim Thomé de Carvalho. O justicamento tinha endereço: a família Rego Monteiro e seus agregados:

Chegou ao operariado amazonense a hora reivindicadora, a morte de uma situação maldita.

Arregimentemo-nos para a desafronta e se houver prenúncios de derrocada, estamos certos e confiantes na victoria final, deveremos eliminar, deveremos decepar a cabeça de todos os patifes e larápios da situação Rego Monteiro (*A LUCTA SOCIAL*, n. 7. Manaus, 10/08/1924).

Entenda-se por “situação maldita” a corrupção, a privatização da máquina pública, mas principalmente as perseguições, ameaças e punições a que as lideranças operárias estavam submetidas. Não obstante, o movimento vitorioso de 23 de julho de 1924 encerrou-se

em 31 de agosto do mesmo ano, quando então chegou ao Amazonas, na capital Manaus, o general João de Deus Mena Barreto comandando uma expedição federal com o objetivo de pôr fim ao movimento tenentista na região. Mandou prender o tenente Ribeiro Júnior, que não ofereceu maiores resistências. Assumiu o governo o coronel Raimundo Barbosa em 31 de agosto de 1924. O movimento tenentista chegou ao fim e junto com ele o sonho das lideranças em torno do jornal *A Lucta Social* de ver acontecer uma revolução dos trabalhadores.

Considerações finais

Na esteira do movimento dos tenentes em Manaus, as lideranças operárias articuladas em torno do jornal *A Lucta Social*, especialmente J. Nicoláo Pimentel e Gervásio Leal, admitiram a possibilidade de criar um movimento revolucionário, com protagonismo dos trabalhadores, que modificassem as estruturas vigentes em direção a um processo que tinha como finalidade a justiça social.

Para isso, não temeram em invocar a memória da Revolução Francesa e seu lema “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”, em especial a atuação do jacobinismo, incluindo a “guilhotina”. Fazer justiça àqueles que perderam a vida estava no horizonte dessas lideranças.

Enfim, o movimento durou um mês e oito dias. O sonho não se realizou. Porém, para esses homens que viram seus algozes serem destituídos e o movimento avançando num processo vitorioso, a revolução proletária estava bem ali, prestes a acontecer!

REFERÊNCIAS

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Vida Associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. *Anos 90*. Porto Alegre, n. 8, p. 91-99, dezembro de 1997.

BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: Secretaria de Imprensa e Divulgação do Estado do Amazonas, 1966.

CARONE, Edgard. *O tenentismo: acontecimentos, personagens, programas*. São Paulo: DIFEL, 1975.

CASTRO, Maria Clara Spada de. Entre cartas: uma contribuição para o estudo da Revolução de 1924 em São Paulo e de suas ligações com a Coluna Miguel Costa Prestes. *XXVIII*

Simpósio Nacional de História – ANPUH. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis/SC, p. 1-14, 27 a 31 de julho de 2015.

COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Quando o viver ameaça a ordem urbana.* Dissertação (Mestrado em História). PUC, São Paulo, 1997.

DIAS, Edinéia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920).* Manaus: Editora Valer, 1999.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e Poder no Brasil – 1901 -1915: estudo da construção do personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS).* Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), UFRGS, Porto Alegre, 2007.

FIGUEIRA, Rickson França. *Imprensa, política e poder: a sucessão governamental do Amazonas em 1920.* Dissertação (Mestrado em História Social). UFAM, Manaus, 2011.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e política: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LOUREIRO, Antônio José Souto. *Síntese da História do Amazonas.* Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

MARQUES, João Carlos. *A Voz do Trabalhador: cultura operária e resistência anarquista no Rio de Janeiro (1908-1915).* Dissertação (Mestrado em História Social), UEL, Londrina, 2013.

MATEUS, João Gabriel da Fonseca. O sindicalismo revolucionário como estratégia dos Congressos Operários (1906, 1913, 1920). *Enfrentamento.* Goiânia, ano 7, n. 2, p. 65-76, ago./dez. 2012.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *A caserna em polvorosa: a revolta de 1924 em Sergipe.* Dissertação (Mestrado em História), UFPE, Recife, 2008.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936).* Tese (Doutorado em História), UFF, Niterói/RJ, 2009.

PEREIRA, Joana Dias. Sindicalismo revolucionário em Portugal. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 1, n. 2, p. 195-220, jul./dez. de 2009.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Imprensa e mundos do trabalho na Belle Époque manauara. *XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH.* João Pessoa, p. 1-8, 2003.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925).* Manaus: Edua, 1999.

_____. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920).* Tese (Doutorado em História), PUC, São Paulo, 2001.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A rebelião de 1924 em Manaus.* 3º ed. Manaus: Valer, 2001.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SCHMIDT, Benito Bisso. A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907. *História em Revista*, UFPel, v. 6, p. 59-84, dez./2000.

SILVA, Hélio. *História da República Brasileira: nasce a República (1888-1894)*. São Paulo: Editora Três, 1975.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O tenentismo*. Porto alegre: Mercado Aberto, 1985.

TELES, Luciano Everton Costa. Pelas páginas do jornal Vida Operária: aspectos acerca do mundo do trabalho no Amazonas na década de 1920. *Revista Litteris*, p. 83-106, 14 de setembro de 2014.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1993.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

JORNAIS

CORREIO DO NORTE (1906, 1909, 1910 e 1912)

A LUCTA SOCIAL (1914 e 1924)

VIDA OPERÁRIA (1920)

BOLETINS

BITTENCOURT, Ângelo. “O Momento Histórico”. *Boletim Maçônico*, ago/set de 1924.

ARTIGO ENVIADO EM: 26/12/2015

ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 10/06/2016